

LEITURA, ESCRITA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Suelen Bourscheid¹

Simone Sanguibuche Bester²

Revista Saberes e Sabores Educacionais

ISSN 2359-263X

Vol. 7, 2020.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI – UCEFF Itapiranga/SC. E-mail: bourscheid_suelen@outlook.com

² Professora da disciplina de Metodologia do Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI – UCEFF Itapiranga/SC. E-mail: simone.sanguibuche@hotmail.com

Resumo:

O presente artigo objetiva-se em fundamentar a relação existente entre o processo de alfabetização e letramento alicerçado com a importância de desenvolver a habilidade da leitura e da escrita. Pretende-se conceituar o processo de alfabetização como um procedimento que não se finda, mas que evolui a cada etapa do ano escolar, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Na perspectiva do letramento, aborda-se a habilidade da leitura e escrita e de que maneira se constrói a competência leitora. Um estudo estruturado em capítulos a fim de esclarecer dúvidas pertinentes a leitura, escrita e produção textual e como esses processos se desencadeiam nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: leitura e escrita; competência leitora; ensino fundamental.

Abstract:

This article aims to substantiate the relationship between the process of literacy and literacy based on the importance of developing the ability to read and write. The aim is to conceptualize the literacy process as an unfinished procedure that evolves at each stage of the school year, especially in the early years of elementary school. From the perspective of literacy, it addresses the ability to read and write and how to build reading competence. A study structured in chapters to clarify doubts pertinent to reading, writing and textual production and how these processes are triggered in the early years of elementary school.

Keywords: reading and writing; reading competence; elementary school.

Introdução

Por meio desse estudo, busca-se em primeiro momento conceituar e compreender o processo de alfabetização no ensino fundamental. Este processo que não se finda em determinada etapa, mas que evolui a cada novo aprendizado do educando.

Em seguida, analisar como ocorre o desenvolvimento da leitura e escrita e a sua importância a contribuir em uma aprendizagem mais significativa na vida escolar dos educandos. Estipular objetivos, maneiras ou soluções que auxiliam os educadores a estimular a leitura nas salas de aula e na realidade social que os educandos estão inseridos. Nesse sentido, obter um conhecimento mais amplo em relação a escrita, como ela acontece na sala de aula e qual a relevância da mesma na realidade do educando.

No âmbito do letramento, obter teorias que sustentem a educação no contexto atual, para que os educadores não desistam de formar leitores proficientes, competentes a resolver os desafios impostos pelo cotidiano social. A importância do letramento se encontra na capacidade de ensinar os educandos formas ou maneiras de lidar com as adversidades impostas pela sociedade, de saber quais caminhos trilhar para se dar bem na vida, enquanto leitor, escritor e pessoa.

A contribuição da leitura no processo de alfabetização

A alfabetização é compreendida segundo Lopes et. al., (2010) como sendo um processo no qual a criança adquire e constrói vínculos com a leitura e a escrita. Nesse período, a criança desenvolve sua habilidade de decodificar e codificar os códigos e símbolos da escrita. Ainda Soares (2003) afirma que a criança alfabetizada é aquela que tem capacidades de grafar e reconhecer letras e números, usar o papel, entender a direcionalidade da escrita, estabelecer relações entre sons e letras.

Soares (2009, p. 39) defende que a apropriação da escrita é diferente de aprender a ler e a escrever: “aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita”. Porém, a grande dificuldade encontrada pelos educadores atualmente, não é ensinar a criança a ler e a escrever, a decodificar e codificar os sinais da língua escrita, mas levar as crianças a fazer uso da leitura e da escrita em práticas sociais. É preciso estabelecer condições aos educandos para que estabeleçam vínculo com o letramento.

No processo de alfabetização e letramento que a criança se encontra, observa-se a imensidão de novos conhecimentos que são construídos e elencados. Nessa concepção Kleiman (1999) aborda a temática de que o conhecimento é a construção de significados. A escola torna-se o ambiente norteador de mediação de conhecimentos e aprendizagens, “sendo a sala de aula o ambiente privilegiado para a interação através da linguagem entre professor e alunos” (KLEIMAN, 1999, p. 49).

Segundo Feil (1987) o processo de aprendizagem é muito complexo, ainda mais no ambiente escolar, onde não se considera apenas a capacidade intelectual do educando. Muitos são os fatores contribuintes para que o educando se desenvolva habilidosamente, tanto no processo de se familiarizar com a alfabetização e o letramento.

Nesse contexto, Ferreiro (2005) aborda que o desenvolvimento dos processos de alfabetização e letramento se sucedem em um ambiente social. É

através da prática social que o educando vivencia além do que já conhece e sabe sobre o assunto, e assim, transforma o conteúdo recebido. No momento em que o educando registra novas informações, ele as transforma em mais um novo conhecimento.

Dessa forma, têm-se o conhecimento de que a alfabetização é um processo que não se finda, está em constante evolução. Perceber de como o processo precisa ser desenvolvido, trabalhado e estruturado para obter sucesso para o contexto dos educandos.

Conceituando a leitura

A leitura é um dos processos mais importantes e significativos para a vida de qualquer pessoa. Através da leitura pode-se exercer inúmeras funções, obter informações, compreender diversas situações cotidianas e agir sobre elas. A partir da abordagem de diversos teóricos, pode-se obter melhor conhecimento sobre o que é leitura.

Kleiman (2008) aborda a complexidade que é o processo de ler. Assim como em outras atividades cognitivas, a leitura exige percepção, atenção e memória.

Goodman (1976) apud Kleiman (2008) considera a leitura como uma atividade de total interação entre o pensamento e a linguagem. A leitura é um processo no qual o leitor, reconstrói a mensagem codificada pelo escritor. Dessa forma, se uma pessoa, a partir de uma leitura, interpretar e compreender o que lê, automaticamente sua gama de conhecimentos é ampliada. Deve-se construir uma relação entre o texto e o leitor para que seu desejo de ler, aumente.

Na perspectiva de Solé (1998, p. 22) a leitura é um procedimento, “é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam sua leitura”. A relevância que deve existir entre texto e leitor é a sua contextualização e a capacidade de transformar pensamentos e hipóteses já existentes sobre determinado assunto. A partir do momento que se tem conhecimento de um assunto na qual se detêm gosto, a

perspectiva é de que se procure buscar sempre novas informações do mesmo, fazendo da leitura a ponte de acesso para novos conhecimentos.

É preciso fazer da leitura uma interação prazerosa entre o texto e o leitor, a ponte de acesso para novos aprendizados. A partir do momento que o educando compreender o quanto este pode aprender a partir da leitura, logo se tornará um leitor fluente, proficiente a buscar mais. Para Kleiman (2008) a leitura é considerada um processo interativo. Durante a leitura, associa-se o que se lê com o que já se sabe sobre o assunto, acontecendo assim a interação entre o conhecimento e a compreensão leitora. “A leitura é um processo interativo porque o “desvendamento” do texto se dá simultaneamente através da percepção de diversos níveis ou fontes de informação que interagem entre si” (KLEIMAN, 2008, p. 38).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN (1997, p. 40) aborda:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modalizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever.

A leitura é a fonte para os novos aprendizados. Nessa, busca-se informações pertinentes para produzir a escrita. Pode-se também, aperfeiçoar o vocabulário, com novas palavras, ideias e maneiras de escrever. Por essa e outras razões, deve-se a sua importância e a importância de transmitir e instigar o gosto da leitura desde o processo inicial da alfabetização.

Noguerol (1999, p. 148) refere-se a compreensão leitora como “um procedimento que inclui uma série de procedimentos menores, estratégias e técnicas que é preciso saber utilizar adequadamente para construir significado que cada texto propõe”. Ou melhor, a partir do momento que se faz entender o que se lê, construímos significados e conhecimentos a cima do texto lido. Dado isso, é recomendado o educador disponibilizar e ensinar alguns métodos para estimular o gosto pela leitura. Aos que não possuem essa relação afetuosa

com a leitura, que o educador estabeleça estratégias de captar mais facilmente as informações contidas nos textos e se aproprie deste conhecimento.

Kleiman (1999) acredita fortemente na relação existente entre aluno e professor, e que ambos são os protagonistas da construção de aprendizagens e conhecimentos. O fracasso escolar relacionado a falta de interesse pela leitura se explica através das metodologias utilizadas para tal, assim aborda Kleiman (1999, p, 14):

O ensino da leitura reflete também esta pedagogia da contradição: fragmenta-se o texto para que se aprenda a perceber o todo, procura-se fazer com que o aluno responda somente ao que está previsto na leitura do professor ou do autor do livro didático e exige-se um leitor crítico e participativo. O aluno escreve textos de opiniões sem ter formado uma opinião; faz uma “interpretação livre”, já cerceado, sem liberdade e, muitas vezes sem leitura. Ele “lê” sem entendimento, interpreta sem ter lido e realiza atividades sem nenhuma função na sua realidade sociocultural.

É dessa maneira que os professores constroem alunos alienados para apenas desenvolver atividades que lhes são propostas. Não acontece incentivo para ler além do que é solicitado. O aluno apenas lê o que lhe é atribuído. O problema se concentra em incentivar a leitura, propor caminhos que sejam propícios a desenvolver o gosto pela mesma. “Um bom leitor é aquele que lê muito e que gosta de ler, e concordaríamos em que o caminho para chegar a ser um bom leitor consiste em ler muito” (KLEIMAN, 2008, p. 8).

Trata-se de proporcionar ao aluno procedimentos e técnicas que estimulem de fato o gosto pela leitura, oportunizar diversas atividades de diferentes âmbitos e intenções, para provocar a busca pelo novo, por novas informações, estimulando a autonomia. Ao desafiar o aluno com perguntas e não com respostas prontas, surge a inquietação por não ter conhecimento em determinado assunto. Desse modo, o aluno com suas inquietações faz jus a conhecer e almejar novos saberes.

Kleiman (1999) já atribuía a leitura como uma das principais atividades construtivas para a aprendizagem. Sendo assim, é essencial tornar a leitura como fonte e prática central de todas as atividades curriculares e tornar todos

os professores, qualquer que seja sua área de especialização, como professores incentivadores da leitura.

À vista disso os processos educativos associados a leitura se tornam mais atrativos aos alunos a partir do momento em que estes são instigados. O exemplo das práticas de leitura deve vir do contexto familiar e do contexto escolar, sendo estimulado pelos professores de todas as áreas, pois a leitura é essencial em todas as disciplinas, para todas as atividades. É preciso entender que a leitura é o centro de realização de qualquer atividade. Kleiman (1999) aborda que as crianças que já possuem esse vínculo de praticar a leitura em seu contexto familiar, que vê os pais lendo jornais ou revistas ou até mesmo, as crianças que adormecem ao som de uma leitura realizada pelos pais, desenvolvem uma relação de prazer com a leitura, e compreendem a afetividade relacionada nesse vínculo.

Quando a leitura surge de cartilhas sem sentido para as crianças, através de textos fragmentados é muito comum afirmar que a criança não gosta de ler e não compreende o que lê. Frequentemente culpamos seus interesses e hábitos, que podem lhes desviar a atenção para o gosto da leitura. Porém, segundo Kleiman (2008) não é questionado o método e modelo de aprendizagem aderido para contribuir no processo de aprendizagem dos educandos. Métodos tradicionais desde o início da alfabetização, de caráter mecanicista de decodificar e codificar palavras, sons e letras, sílabas contribuem para que essa compreensão seja fragmentada, e não visualizada como um todo. Não se compreende o processo em si, apenas suas partes que o formam. O processo em si não é atrativo para a criança e consequentemente esta, vai perdendo interesse pelo ato de ler. Ainda que a leitura é estimulada na escola em fragmentos, onde apenas é lido tal trecho de uma obra

Desta forma, não se torna possível formar leitores proficientes. Kleiman (2008, p. 93):

Na medida em que a defasagem entre as demandas da escola e a capacidade de leitura da criança vai aumentando, mais difícil será tornar o escolar um leitor proficiente, pois o fracasso traz como consequência a desmotivação pela leitura, criando um círculo vicioso, já que o desinteresse e a falta de motivação, por sua vez, inibem o desenvolvimento da capacidade de leitura.

Revista Saberes e Sabores Educacionais

ISSN 2359-263X

Vol. 7 – 2020

A leitura deve ser uma abordagem que leve ao aluno o prazer da descoberta, o prazer de adquirir novos conhecimentos e saberes. O fracasso e a defasagem escolar só acontecem quando não é ofertado aos alunos, estratégias de dominar a prática da leitura.

A importância da leitura e dos educandos adquirir gosto pela leitura é fundamental para que ocorra uma aprendizagem, de fato, significativa. Porém, o desenvolvimento de bons leitores não acontece espontaneamente. A leitura precisa ser algo significativo para o aluno, que seja de interesse ou da realidade social do mesmo. Segundo Kleiman (1999, p. 122):

É preciso instrumentar o estudante para que aprenda a ler, processo que vai muito além da decifração de palavras e frases, comum na sala de aula: de vez de ler o texto, o aluno fragmenta as partes, construindo um sentido para cada uma das palavras e frases. Essa leitura fragmentada não permite muitas vezes chegar a entender o significado nesse objeto cultural, o texto.

Nessa contextualização, o educando necessita aceitar a leitura como parte de sua realidade e de seu contexto social. Sentir sua importância em atividades cotidianas e rotineiras facilita sua associação e sua compreensão. Na mesma circunstância que os professores devem voltar esse contexto em sala de aula, trabalhando sempre com questões próximas do cotidiano dos alunos, para assim desenvolver de fato, gosto pela leitura.

Amplia-se o conhecimento do educando partindo do contexto social real deste. Para Kleiman (2008) isso seria optar por estratégias que favoreçam a aprendizagem dos educandos e seu interesse pela leitura. “A combinação de práticas manipulativas com estratégias de leitura a que conduz o aluno a adotar a manipulação, a identificação de informações para retenção como um tipo de leitura, a leitura sinônimo de recepção passiva de informação” (KLEIMAN, 2008, p. 41).

A leitura se torna um aspecto interessante para a vida escolar do aluno, quando está assume um sentido e significação dos textos lidos. Kleiman (2008) aborda a interação que se deve criar com o texto escrito, para fazer da leitura

um processo prazeroso. É necessário considerar que “no processo de leitura o conhecimento do leitor interage com as informações do texto, uma das fontes necessárias para a apreensão do tema, é o conhecimento que o leitor tem sobre a estrutura do texto” (KLEIMAN, 2008, p. 94).

Aborda-se a questão de como avaliar uma boa leitura dos educandos, se a leitura é realizada com fluência e significância. Ensinar a ler com compreensão não implica em impor uma leitura única, aquela imposta pelo professor. É necessário que se tenha um conjunto de estratégias para ler com coerência. Dessa forma, Kleiman (2008, p. 152) refere-se: [

Ensinar a ler, é criar uma atitude de expectativa prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, isto é, mostrar a criança que quanto mais ela previr o conteúdo, maior será sua compreensão; é ensinar a criança a se auto avaliar constantemente durante o processo para detectar quando perdeu o fio; é ensinar a utilização de múltiplas fontes de conhecimento para resolver falhas momentâneas no processo; é ensinar antes de tudo, que o texto é significativo, e que as sequências discretas nele contidas só têm valor na medida em que elas dão suporte ao significado global.

A dificuldade nesse contexto é de ensinar a ler, não com coerência. Mas instigar e desenvolver nos educandos o interesse, criar nestes a atitude da procura pela leitura.

A avaliação da leitura dos educandos muitas vezes é realizada em voz alta, porém segundo Kleiman (2008) é preciso aderir à técnicas e estratégias de avaliação para avaliar se o educando realmente compreende o que lê. É fundamental que o professor saiba exatamente o que avaliar e quais são as tarefas que o educando tem capacidade e habilidades de executar para diagnosticar que este realmente lê, e compreende o que lê.

Se o professor realmente estiver interessado de observar a capacidade da criança de compreender um texto é difícil diagnosticar através da leitura em voz alta. Kleiman (2008) aponta que esta tarefa é algo muito complexo para a criança desenvolver, pois esta se preocupa em pronunciar corretamente as palavras e por fim, não se habitua a tentar entender o que cada sentença significa.

No entanto “a leitura silenciosa, no entanto, excluindo a preocupação com a pronúncia e entonação, permite à criança envolver-se totalmente na busca de significados utilizando para isto seu próprio ritmo de leitura e as regressões ou releituras que se lhe fizerem necessárias” (KLEIMAN, 2008, p. 153).

A importância da escrita e de escrever bem

Fundamentado as concepções do processo de leitura, aprofunda-se a questão da escrita e de sua influência no ensino aprendizagem dos educandos. Antes de mais nada, eis uma citação bastante peculiar e descreve a total importância da escrita para o cotidiano de qualquer ser humano:

Escrever está na moda. As novas tecnologias de comunicação, quem diria, ressuscitaram o valor da escrita. Já não se escrevem cartas como antigamente, mas concisas mensagens eletrônicas. Já não se admitem relatórios longos e complexos. Tempo é dinheiro. Relatórios devem ser objetivos e contundentes. E os vestibulares? Estudante não entra na faculdade se falhar na redação. Nunca se precisou tanto da escrita quanto agora. (Squarisi e Salvador, 2005, p. 6).

A escrita consiste na utilização dos sinais do sistema de escrita alfabética para exprimir ideias, objetivos, hipóteses. A escrita possui uma estrita relação entre o autor, o texto e o leitor. Ou seja, é preciso ter conhecimento para saber o que e como vamos escrever para atingir o desejo do que o leitor quer saber. Ao construir um texto, faz-se uso de diferentes tipos de conhecimentos e produzir textos é justamente para interagir com outros indivíduos em determinados contextos sociais. Quem escreve constrói os sentidos necessários para aquilo que quer enunciar.

A escrita é um paralelo direto com a oralidade, muito utilizada em contextos sociais básicos da vida cotidiana. Para Marcuschi (2010, p. 26) “a escrita seria um modo de produção textual – discursiva para fins comunicativas com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica (...) trata-se de uma modalidade de uso da língua complementar à fala”.

O processo de aquisição da escrita é algo muito complexo para as crianças, pois estas trazem uma bagagem de conhecimento antes de

ingressarem na escola. A relação que deve existir entre a leitura, interpretação e escrita precisa ser trabalhada todos os dias, independente o ano escolar que a criança se encontra.

A aprendizagem significativa só acontece quando o professor levar em consideração que a criança chega à escola, trazendo consigo experiências de aprendizagens que vão ajudar, ou não, para seu processo de alfabetização. Feil (1987) já dizia que essas experiências da criança devem servir como ponto de partida das atividades do professor. “Até o seu ingresso à escola, a criança já aprendeu inúmeras coisas. E aprendeu, talvez, com mais consistência já que ela aprendeu a fazer, fazendo-as.” (FEIL, 1987, p. 12). Antes de ingressar na escola, quando a criança reconhece letras, símbolos, outdoors, marcas de produtos, ela está praticando e desenvolvendo seu processo alfabetizador, o letramento.

Nesse âmbito, Ferreiro (2005) acredita que aprendizagem alguma começa do zero. Ou seja, “pormenorizado que seja o estudo que a criança traga consigo ao ingressar a escola, a sua bagagem de esquemas interpretativos, antes de iniciar o processo de escolarização é essencial” (FERREIRO, 2005, p. 65). Antes mesmo de ser alfabetizada, a criança já possui resquícios de alfabetização, seja pelo desenho, garatujas, ou linguagens próprias de escrita. Tudo faz parte do processo de alfabetização.

Desta maneira, Feil (1987, p. 13) trata da necessidade de a escola saber “seguir a sequência natural na qual o ser humano manifesta seu pleno domínio da língua: falar, ler, escrever”. É um processo, que vai se desenrolando no decorrer do ciclo de alfabetização e a importância de o professor saber identificar em qual nível a criança se encontra para poder auxiliá-la na sua especificidade é o que faz a diferença.

Segundo Arcoverde (2007, p. 7):

Ao vivenciar o processo de escrita, o escritor observa que escrever não é resultado de uma inspiração divina, mas que para escrever adequadamente, conforme propósitos definidos, quem escreve constrói os sentidos necessários para aquilo que quer enunciar. Por isso, ele deve ler e reler o que escreveu, organizar e reorganizar as idéias, identificar os problemas gramaticais e compor o texto, de modo que corresponda aos objetivos iniciais.

Nesse sentido, Arcoverde aborda de que maneira acontece o processo da escrita. Para o autor, é preciso ter clareza quanto aos objetivos, para quem escreve e da importância de que sua escrita interaja com o leitor, e que este possa construir significados. A escrita é uma construção que se processa na interação construída entre autor/texto/leitor.

Neste contexto, os PCN's (1987) ensinar a escrever textos é uma tarefa muito difícil quando o educando não convive com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros. Ou seja, é preciso estar inserido em um contexto social propício de leitura e escrita. Nesse quesito, entra a importante função da leitura, pois quanto mais se lê, mais informações se tem para produzir um bom texto. Da mesma maneira que o professor deve trazer leituras condizentes ao conteúdo abordado, não apenas fragmentados, cartilhas soltas que não agregam conhecimento aos alunos.

A escrita nada mais é que um processo construtivo, a cada etapa um novo aprendizado. Não se aprende a escrever num dia somente. Requer tempo e exige atenção, percepção e disposição. Lovatto e Branco (2014) levam em consideração que a criança só aprende quando é ensinada a pensar. Relacionado à escrita, seu primeiro contato ocorre quando a criança é estimulada a tentar escrever o próprio nome. Neste primeiro contato é necessário levar em consideração que a criança já domina um saber linguístico e deve ser levado em consideração e atenção no processo de alfabetização da mesma.

Feil (1987) aborda que é necessário que para que a criança escreva bem é necessário que esta entenda o porquê da escrita, qual o seu objetivo. Segundo a autora, “a escrita é um sistema convencional utilizado pelo homem com a finalidade de se comunicar entre si, registrar suas descobertas, sua história, suas ideias e pensamentos.

A leitura e a escrita no contexto social

A estreita relação entre a leitura e a escrita é internalizada no âmbito escolar. A sua importância é suporte para os aprendizados dos educandos em qualquer área do conhecimento. A leitura para interpretação e compreensão de mundo e a escrita, como forma de manifestação de pensamentos, ideias e hipóteses.

O letramento é conceituado por Soares (2003) como o resultado construído e adquirido através do processo de alfabetização, de se familiarizar com a leitura e a escrita. Ou seja, vínculo estabelecido entre a leitura e a escrita nas práticas sociais. Ainda Soares (2009, p. 42) contribui refletindo que o “letramento é prazer, é ler em diferentes lugares sob diferentes condições, não só na escola, em exercícios de aprendizagem. Letramento é informar-se através da leitura, é buscar (...) selecionando o que desperta interesse”.

No contexto de se familiarizar-se com a habilidade da leitura, o letramento se associa a prática da leitura do mundo. Kleiman (1999) aborda a atividade de leitura à sua prática social, a leitura do mundo. Também Freire (1989, p. 9) traz a concepção de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Relacionando os dois autores, é possível compreender o quanto a leitura favorece para o convívio no cotidiano social e poder assimilar o mundo ao redor.

A leitura de mundo é tão importante quanto a leitura e a escrita no âmbito escolar. Saber se relacionar diante de situações do cotidiano, identificar e lidar diante de alguns fatos, reconhecer placas, contar dinheiro, saber se localizar... são atos de uma pessoa letrada. Marcuschi (2010) aborda que “letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz uso formal da escrita”.

Segundo Freire (1989) o mundo que se movimenta para o sujeito em seu contexto pode ser diferente do mundo da escolarização. Dessa forma, a leitura das palavras na escolarização, ou de sua escrita, de nada implicaria na leitura da realidade.

A importância do letramento enquanto prática social em uma sociedade tão multifacetada é evidente, ao pensar em como é indispensável um pensamento e conhecimento aguçado para lidar com as diversas situações do cotidiano. Nesse princípio que Marcuschi (2010) acredita que a escrita é mais do que uma simples tecnologia. Nos dias atuais a escrita se tornou um bem indispensável, praticamente se tornou ícone para a sobrevivência do mundo moderno. “Sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder” (MARCUSCHI, 2010, p. 16). Nessa perspectiva, é possível compreender de que apenas quem possui um vínculo com a escrita é detentor de poder.

O letramento é ir além da leitura da escrita. É envolver e abordar todos os aspectos e simbologias do sistema de escrita alfabética no contexto social, na prática social. Pensar na leitura e na escrita como uma ferramenta indispensável e fundamental para a vida em sociedade. Utilizá-la como um encontro para novos conhecimentos e aprendizados, essenciais para toda sociedade.

Considerações finais

A partir desse estudo é possível perceber a importância que a leitura e a escrita exercem no cotidiano de cada estudante. Saber ler, compreender e interpretar a leitura de algum texto, escrever com coerência, uma maneira de expressar o entendimento de um novo conhecimento, são características pertinentes para melhor se desenvolver e habituar-se socialmente.

O ensinar a ler e escrever são tarefas primordiais e essenciais que a escola deve possibilitar para formar estudantes responsáveis e aptos a viver em sociedade. Porém, construir conhecimentos deve ser função do educando, buscar evoluir sempre mais naquilo que o desperta, o inquieta.

A necessidade da família, da escola e do próprio educando a desenvolver leitores competentes, que buscam além de decifrar os códigos linguísticos. Leitores competentes são aqueles que idealizam a busca de leituras que possuem um sentido, questionamentos e inquietações a partir da

realidade social. Além de estimular a autonomia dos educandos, a buscar querer evoluir a cada leitura.

Referências Bibliográficas

ARCOVERDE, Maria Divanira de Lima. **Leitura, interpretação e produção textual**. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: 1997.

FEIL, Iselda Terezinha Sausen. **Alfabetização: um desafio novo para um novo tempo**. 9 ed. Petropolis: Vozes, 1987.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo**. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

KLEIMAN, Angela. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 3. ed. 2008.

KLEMAN, Angela. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

LOPES, Janine Ramos. ABREU, Maria Celeste de. MATTOS, Maria Célia Elias. **Caderno do educador: alfabetização e letramento**. Brasília: Programa Escola Ativa, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

NOGUEROL Artur. **Língua**. In: ZABALA, Antoni. Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Minas Gerais: Revista Brasileira de Educação, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998

SQUARISI, Dad. SALVADOR, Aríete. **A arte de escrever bem**: um guia para jornalistas e profissionais do texto. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2005 Disponível em <https://zellacoracao.files.wordpress.com/2009/03/a-arte-de-escrever-bem-dad-total.pdf> Acesso em 24/03/2019.